

Centro Universitário UNIFAFIBE

LIGIA MARIA MACHADO

**O impressionismo como construção de identidade em
Moça com chapéu de palha, de Menalton Braff**

**BEBEDOURO – SÃO PAULO.
2012**

LIGIA MARIA MACHADO

**O impressionismo como construção de identidade em
Moça com chapéu de palha, de Menalton Braff**

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado ao Centro Universitário UNIFAFIBE como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras (Espanhol e suas respectivas literaturas).

Orientador: Profa. Msc. Mariângela Alonso

Co-orientador: Prof. Dr. Rinaldo Guariglia

Machado, Ligia Maria

O impressionismo como construção de identidade em Moça com chapéu de palha, de Menalton Braff / Ligia Maria Machado. --Bebedouro: UNIFAFIBE, 2012.

33 f. ; 29,7 cm

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras – Centro Universitário UNIFAFIBE, Bebedouro, 2012.

Bibliografia: f. 28-30

1. Menalton Braff. 2. Impressionismo. 3. Literatura Brasileira
I. Título.

LIGIA MARIA MACHADO

**O impressionismo como construção de identidade em
Moça com chapéu de palha, de Menalton Braff**

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado ao Centro Universitário UNIFAFIBE como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras (Espanhol e suas respectivas literaturas).

Orientador: Profa. Msc. Mariângela Alonso

Co-orientador: Prof. Dr. Rinaldo Guariglia

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Msc. Mariângela Alonso
Centro Universitário Unifafibe – Bebedouro-SP

Membro Convidado:

Dedico este trabalho aos meus pais, Ana e Geraldo que sempre me ensinaram a seguir em frente e nunca desistir dos meus objetivos.

E aos que tentaram dificultar este processo de aprendizagem com a falta de compreensão, colocando obstáculos em meu caminho. Agradeço a cada um deles de uma forma especial, pois graças a essas pessoas hoje me tornei uma pessoa mais forte perante as dificuldades da vida e amadureci como ser humano.

Agradecimentos

Agradeço a Deus todo-poderoso pelo dom de vida que me concedeu e por ter iluminado o meu caminho durante todos estes anos. Por ter me oferecido a oportunidade de viver, evoluir e crescer. Enfim, por tudo que me proporciona na vida e por fazer com que mais esse sonho se realize.

Agradeço aos meus pais, pois sem o amor, carinho e todo o apoio que sempre me dedicaram ao longo dos anos possivelmente não estariam aqui. Além, de todo o seu apoio, eles sempre me disponibilizaram o necessário para que o meu aproveitamento escolar dependesse apenas de mim e ao mesmo tempo, aprendesse o sentido da palavra responsabilidade. Se por um lado me davam liberdade de escolher o meu caminho, simultaneamente mostraram-me bem cedo que essa liberdade tinha de acarretar sentido de responsabilidade. Por estas razões tenho orgulho deles e penso que eles sentem o mesmo por mim.

À Vanessa, pessoa que mais tem sido prejudicada com a realização deste sonho que é a minha companheira e amiga de todas as horas. Tenho que lhe agradecer por todo o apoio que me tem dado e toda a sua paciência para comigo nos meus dias de maior stress e de pouca atenção que lhe tenho dado.

Em especial agradeço a minha professora orientadora Mariângela Alonso pela paciência e pelas discussões de ordem teórico-metodológicas que me possibilitaram reflexões e amadurecimento de meus conhecimentos e conceitos para a conclusão deste trabalho.

Ao professor Rinaldo Guariglia, pelo acompanhamento durante o desenvolvimento da pesquisa sempre com muita paciência.

Agradeço a todos os professores de uma forma geral que tive a oportunidade de conhecer no decorrer do curso, pelo comprometimento na transmissão do saber, acrescentando no meu desenvolvimento pessoal e principalmente profissional.

E não poderia deixar de agradecer a todos os meus amigos que sempre me acompanharam e conviveram comigo nos últimos anos, amigos que fiz no

início do curso como o grande amigo Kelvin que sempre me ajudou em minhas dificuldades, em sonhos compartilhados e momentos inesquecíveis.

Enfim, agradeço a todos aqueles que, de forma direta ou indireta, levaram-me a refletir e a assumir posições, contribuindo com o meu amadurecimento pessoal e científico.

Tenho evitado encarar o espelho porque não me reconheço neste rosto escalavrado que vejo. Aprendi que sou uma unidade e sei que sou, pois não consigo me desfazer de lembranças e costumes.

(BRAFF, Menalton, 2010, p.139)

RESUMO

Este trabalho procura investigar a permanência de traços impressionistas no romance *Moça com chapéu de palha*, de Menalton Braff. O estudo consiste na análise de uma narrativa essencialmente impressionista, com a incidência de paisagens repletas de luzes e cores, transformando os sentimentos em palavras e as sensações em impressões; abordando ao invés das coisas, as sensações causadas pelas coisas, retratando desta maneira a impressão provocada pela realidade. Nesta ambientação, o autor procura figurar o estado de alma dos personagens, ou seja, os estados sutis das atmosferas ao construir imagens permeadas de “borrões” em sua narrativa, retratando o ser humano e seu cotidiano, abrindo incidência para personagens inacabados, em um processo de evolução que nunca se concluirá. Para tanto, seguiremos como base teórica os estudos de Mikhail Bakhtin, Janice Anderson, Karin H. Grimme, Arold Hausser, destacando principalmente a cronotopia, elemento constante na relação espaço-temporal envolvida na produção do discurso. Por meio da análise, espera-se comprovar a presença de traços impressionistas relevantes na obra braffiana.

Palavras-chave: Literatura Brasileira, Menalton Braff, Impressionismo.

RESUMÉN

Este estudio investiga una característica específica del autor Menalton Braff, en la novela *La muchacha con un sombrero de paja*, tratando de rastrear en la lengua de su narrativa rasgos impresionista, transformar en palabras los sentimientos y sensaciones en impresiones, en lugar de las cosas que se acercan, las sensaciones de las cosas, así que retratan la impresión causada por la realidad. El estudio consiste en el análisis de un paisaje impresionista, puesto que su narrativa es llena de luz y color, en que el autor intenta retratar el estado de ánimo del personaje, a través de los estados sutiles de la atmósfera, que pasa para nosotros impresiones fotos de manchas, como lenguaje imperfecta en su narración, retratando la vida del ser humano, o lo que acontece en su vida diaria: la fatiga, la frustración, dar cumplimiento a los personajes sin terminar en un proceso de evolución que nunca concluyen. Para tanto, seguiremos basados los estudios teóricos de Mikhail Bakhtin, Janice Anderson, Karin H. Grimme, Arold Hausser, destacando principalmente la cronotopia, que es la relación tiempo-espacio involucrado en la producción de un discurso. A través del análisis, se espera demostrar rasgos pertinentes impresionistas estudiados en el trabajo.

Palabras clave: Literatura brasileña, Menalton Braff, impresionismo.

SUMÁRIO

Introdução	9
1 O impressionismo ou o retrato das emoções	11
1.1 Cronotopo: um estudo sobre a temporalização no espaço e a espacialidade do tempo.....	13
2 A Fortuna Crítica de Menalton Braff	17
3 Análise da Obra	21
3.1 <i>Moça com chapéu de palha</i> : borrões líricos	26
4 Considerações Finais.....	28
Referências	29
Apêndices	32

INTRODUÇÃO

Este trabalho procura investigar a permanência de traços impressionistas no romance *Moça com chapéu de palha*, de Menalton Braff.

Ao desenvolvermos esta pesquisa, tivemos a oportunidade de manter contato com o autor Menalton Braff, o qual contribuiu significativamente para o desenvolvimento de nossa pesquisa, esclarecendo fatos importantes para a realização da análise da obra estudada.

Cada poeta percebe a realidade de uma forma diferente, utilizando-se de palavras para criar e reproduzir sua sensibilidade através da linguagem conectando-se, assim, a uma espécie de mundo mágico ou sinestésico, retratando a realidade através de impressões. A pesquisa tem como fundamento a crítica literária de Mikhail Bakhtin (1997), destacando principalmente a cronotopia. Além disso, o estudo tem como embasamento teórico as considerações de Arnold Hauser (1995), Afrânio Coutinho (1999), Janice Anderson (1997), Karin H. Grimme (2006) entre outros.

a. Objetivo Principal: Visa realizar uma análise de traços impressionistas no romance *Moça com chapéu de palha*, em que será realizado um estudo do cronotopo desta obra, ressaltando a espacialização do tempo e a temporalização do espaço.

b. Objetivo Secundário: Estudo do lirismo presente na obra, que consiste em uma aproximação com a poesia e esta se dá principalmente pela presença de sonoridades, ritmos e metáforas, além do recurso da repetição. Todavia, rastreando características e salientando os contrastes, dando assim, abertura para possíveis diálogos sobre o estudo da cronotopia na obra de Menalton Braff.

A partir da leitura da obra, observou-se que esta se trata de uma narrativa impressionista, com paisagens repletas de luz e cores, em que o autor através das palavras tenta “figurar” o estado de alma em que o personagem se encontra, e da mesma forma os estados sutis da atmosfera, em que se transmitem imagens de borrões, através de uma linguagem imperfeita, ou incompleta, em sua narrativa, retratando a vida do ser humano, ou seja, tudo o que o personagem passa em seu cotidiano: o cansaço, as frustrações.

O cronotopo, conceito de Mikail Bakhtin (1997) do qual teremos como base teórica, será de extrema importância para a análise dos traços impressionistas, pois

este ressalta a espacialização do tempo, em que é gerada a escrita artística impressionista de apreensão poética do cenário e do tempo.

O cronotopo como materialização privilegiada do tempo no espaço é o centro da concretização figurativa da encarnação do romance inteiro. Todos os elementos abstratos do romance, as generalizações filosóficas e sociais, as idéias, as análises das causas e dos efeitos, gravitam ao redor do cronotopo, graças ao qual se enchem de carne de sangue e se iniciam no caráter imagístico da arte-literária. (BAKHTIN, 1993, p.356).

Através de estudos sobre tempo e espaço no romance, Bakhtin formulou o conceito de cronotopo pelos radicais gregos *cronos*, que significa tempo e *topos*, espaço. É o cronotopo que determina a imagem do homem na literatura, ou seja, cada imagem suscita a própria subjetividade do homem (ALONSO, 2007, p. 7).

O impressionismo é um trabalho poético com uma linguagem que o autor fortuna, pesquisa. Por isso não buscaremos com este trabalho uma pesquisa inter-semiótica, mas sim, investigar o impressionismo na palavra.

1. O Impressionismo ou o retrato das emoções

Segundo Janice Anderson (1997) o impressionismo foi um dos principais movimentos da arte ocidental do século XIX e possivelmente um dos mais importantes de toda modernidade. Esta técnica teve sua origem a partir das experiências artísticas presentes na obra de pintores como Renoir, Pissarro, Morisot, Bazille, Sisley e Claude Monet. Este último lembrado com a tela “Impressão, sol nascente” produzida em 1874, sendo considerada uma das primeiras obras impressionistas. Este quadro teve como finalidade expressar o sentimento de exclusão a que os artistas impressionistas viveram naquela época, justamente pelos princípios técnicos da Academia de Belas Artes, onde mais tarde seriam aclamados como principais pintores da época.



Claude Monet. Impressão, Sol Nascente (1874).

Segundo Karin H.Grimme (2006):

O vocabulário impressionista inclui sem qualquer dúvida a “impressão” directa, vívida de um momento, que é frequentemente reproduzida naquilo que parece um pormenor ao acaso de evento total. São cenas e figuras da vida quotidiana moderna em oposição às descrições de histórias clássicas ou mitológicas, como as que constituíam o negócio da arte tradicional até ao final do século 19. Trabalhadores e prostitutas, transeuntes na rua ou clientes num café – os impressionistas foram os primeiros a ver este tipo de pessoas como merecedoras de serem representadas em obras de arte. (GRIMME, 2006, p.9)

Os impressionistas tinham por finalidade buscar a expressão direta da luz e a captação das cores, assim, procuravam explorar a forma mais exata de um objeto, através dos tons de um determinado objeto, efetuando um jogo de luz sobre a superfície dos objetos.

Trazendo as reflexões do impressionismo para o campo literário, afirma Hauser (1995, p. 906):

Como estilo literário, o impressionismo é, intrinsecamente, um fenômeno sem definição clara; seus primórdios mal se reconhecem dentro do complexo total do naturalismo, e suas formas ulteriores de desenvolvimento fundiram-se completamente com os fenômenos do Simbolismo. Do ponto de vista cronológico, também se observa certa discrepância entre o impressionismo na literatura e o impressionismo na pintura; quando suas características estilísticas começam a aflorar na literatura, na pintura o período mais produtivo do impressionismo já passou. (HAUSER, 1995, p.906)

De acordo com Hauser, podemos dizer que o Impressionismo foi um movimento que serviu como crítica ao Realismo – Naturalismo, já que estes tinham por característica observar tudo de perto. O impressionismo aborda “em vez das coisas, as sensações das coisas” (COUTINHO, 1999, p. 499), já que o autor procura retratar o momento pela essência em que se encontra o estado de alma do personagem:

O impressionismo aspira à homogeneidade do puramente visual. Toda a arte anterior é o resultado de uma síntese, enquanto o impressionismo resulta de uma análise [...] O impressionismo é menos ilusionístico do que o naturalismo; em vez da ilusão, fornece elementos do tema, em vez de uma imagem do todo, as várias peças que compõem a experiência. Antes do impressionismo, a arte reproduzia objetos mediante sinais; agora, representa-os através de seus componentes, através de partes do material de que são compostos. (HAUSER, 1995, p.899).

O autor realista reproduz a realidade de forma impessoal e objetiva, enquanto o impressionista pretende retratar a impressão provocada pela realidade. Assim, o mais importante no Impressionismo é justamente o momento exato e único em que é captado, tal como aparece ao olhar de quem observa. Não se trata, portanto, de mostrar o objeto, mas sim de sugerir as sensações e emoções que ele desperta no espírito do observador, num determinado momento, que é por ele reproduzido cuidadosamente e sugestivamente. Sendo assim, não se apresenta o objeto tal como visto, mas como é visto e sentido num dado momento.

Há uma efusão de subjetividade na arte impressionista, elemento fundamental para a separação entre Realismo e Impressionismo. Deixando de lado o registro das relações externas para registrar momentos das relações internas, as telas captam as impressões despertadas no espírito do artista pelo contato com paisagens, cenas, ou pessoas, “nos quais os diálogos e descrições, convertidos em ‘estenografias ardentes’ procuram grafar a aparência *vívida* da realidade humana” (MERQUIOR, 1996, p. 204), introduzindo uma nova perspectiva ao mundo da literatura.

Levando-se em consideração o expoente do Impressionismo no Brasil, Afrânio Coutinho (1999, p.489 - 492) afirma que o Impressionismo não chegou a constituir uma tendência literária no Brasil, mas representou uma corrente da literatura brasileira, uma técnica literária. O seu primeiro grande representante foi Raul Pompéia com a obra *O Ateneu (1888)*, cujo subtítulo é “crônica de saudade”.

Nessa obra temos o narrador memorialista que narra o tempo passado, tentando recuperá-lo. O narrador Sérgio na fase adulta, tenta resgatar a lembrança da adolescência e sua vida no internato; por esta razão temos um narrador memorialista, narrando o tempo passado ao resgatá-lo no presente. Segundo Merquior (1996, p. 259), *O Ateneu* “é uma sucessão de quadros mentais – uma série impressionista de páginas soltas na consciência do narrador. De evocações altamente plásticas, como seria de esperar-se de um escritor artista”.

Essa técnica de introspecção mostra a concepção temporal impressionista presente na obra de Raul Pompéia como o mais acabado exemplo de impressionismo brasileiro, porém, o estilo do autor não se restringe às tonalidades impressionistas, já que também aparecem na obra aspectos expressionistas, como o gosto pela deformação do objeto descrito.

1.1 Cronotopo: um estudo sobre a temporalização no espaço e a espacialização do tempo.

Para desenvolvermos a análise do romance *Moça com chapéu de palha*, tomaremos como base as reflexões de Bakhtin (1997) a respeito do cronotopo, uma vez que tempo e espaço se tornam inseparáveis, gerando, assim um sentido, pois é no espaço que se revelam os indícios do tempo, adquirindo assim um significado.

Bakhtin (1997) explica a evolução histórica do romance tomando por base o aparecimento de novas formas de descrever o desenvolvimento do herói vinculado à apreciação do tempo.

O autor acredita que o tempo pode nos mostrar a complexidade do desenvolvimento do herói, sendo este o mesmo tempo histórico/épico presente nos romances de formação:

O homem se forma ao mesmo tempo que o mundo, reflete em si mesmo a formação histórica do mundo. O homem já não se situa no interior de uma época, mas na fronteira de duas épocas, no ponto de passagem de uma época para outra. Essa passagem efetua-se nele e através dele. Ele é obrigado a tornar-se um novo tipo de homem, ainda inédito. É precisamente a formação do novo homem que está em questão. A força organizadora do futuro desempenha portanto um importante papel, na mesma medida em que o futuro não é relativo à biografia privada, mas concernente ao futuro histórico. (BAKHTIN, 1997, p. 240 – 241).

O aparecimento desse tempo viabilizou a produção de conexões entre o herói e o mundo no qual a ação acontece, uma vez que ele possui espacialidade, o que permitiria a relação simultânea entre o tempo e o espaço da ação.

Este tempo corresponde a significados que dizem respeito ao desenvolvimento das pessoas, já que este traça uma perspectiva dos sentidos das vidas nas suas dimensões social e pessoal. Tal perspectiva, construída por meio da espacialização do tempo é denominada *cronotopo*.

Antes de ser ligado à ação propriamente dita, o cronotopo é gerado por meio de um processo psicológico referente à pessoa que está construindo significados de uma experiência ao contar uma história e ao recebê-la:

O tempo se revela acima de tudo na natureza: no movimento do sol e das estrelas, [...] Por outro lado, teremos os sinais visíveis, mais complexos, do tempo histórico propriamente dito, as marcas visíveis da atividade criadora do homem, as marcas impressas por sua mão e seu espírito: cidades, ruas, casa [...] O trabalho dos olhos que veem combinam-se aqui com um processo muito complexo do pensamento. (BAKHTIN, 1997, p.244).

Desta forma, o cronotopo pode ser visto como captação do tempo humano de tal forma que os significados construídos revelam o herói na dinamicidade de seu ambiente, tanto na narração quanto na interpretação de uma narrativa.

Para Goethe “a *palavra* sempre coincidia com o visível, [...] visível concreto está isento de estatismo e correlaciona-se com o tempo. Em toda parte o *olho* que

vê procura e encontra o tempo” (GOETHE apud BAKHTIN, 1997, p.247 - 248), mostrando, desta maneira que a proximidade espacial é preenchida com o tempo no processo de formação, distribuindo as coisas que se encontram juntas no espaço, manifestando-se em tudo.

Desta maneira, Bakhtin não apenas demonstrou o surgimento do cronotopo na literatura, mas o fez procurando-o na espacialidade do tempo. Seus estudos remetem aos conteúdos de experiência e às relações que demandam uma significação destes conteúdos que sustentam a subjetividade. Essa é a base sobre a qual se fundamenta a nossa argumentação de que o tempo histórico, representado como cronotopo nos estudos bakhtinianos, pode fundamentar uma metodologia de análise de dados para compreender a construção de significados da experiência em narrativas.

Segundo Massaud Moisés a concepção de cronotopo se faz:

[...] à junção tempo-espaço, expressa a indissolúvel conexão entre o espaço e o tempo [...] uma vez que ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo inteligível e concreto. [...] o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o espaço intensifica-se e penetra-se no movimento do tempo, do enredo e da história (MOISÉS, 2004, p. 111)

Desta maneira, para que possamos compreender o sentido no romance, é necessário recorrer aos cronotopos que se cruzam e se confrontam, determinando a imagem do sujeito no mundo, representado de acordo com o tempo no qual se encontra:

O cronotopo é uma categoria conteudístico- formal, que mostra a interligação fundamental das relações espaciais e temporais representadas nos textos, principalmente literários. Cabe acrescentar que o princípio condutor do cronotopo é o tempo. (BAKHTIN, 2006, p. 13)

Embora tempo e espaço sejam inseparáveis e desta forma contribuam para o desenrolar do enredo, “o tempo é o ‘motor’ do cronotopo, visto que, na literatura, é por meio das categorias temporais que o homem é transformado a cada novo tempo” (SOARES, 2008, p. 2), ou seja, o homem passa a viver em um determinado tempo e articulação com um dado espaço:

As categorias cronotópicas colaboram para a formação do romance por apresentarem personagens inacabadas em um processo de

evolução que nunca se concluirá. Assim, constrói-se a imagem do homem em formação e o tempo interioriza-se no sujeito modificando sua vida, seu destino e a si mesmo. (SOARES, 2008, p.3)

Desta forma, teremos personagens inacabados em um processo de evolução que nunca se concluirá, muitas vezes sem a caracterização realista, abrindo assim, para incidências de traços impressionistas. É desta maneira que será construída a imagem do homem que está em formação, uma vez que o tempo interioriza-se no sujeito modificando sua vida, modificando seu destino e a si mesmo.

Deste modo, podemos dizer que é no cronotopo que as personagens adquirem vida e permitem ao romance o caráter transformador a que é submetido o herói. É através do discurso que os sujeitos procuram mostrar seus pontos de vista, com palavras ditas pelos sujeitos renovadas a cada novo diálogo. Portanto, é pela palavra que os sujeitos se comunicam e revelam suas diferentes ideologias, possibilitando a interação. Assim, o cronotopo bakhtiniano será de muita importância para a análise dos traços impressionistas, pois ressalta a espacialização do tempo, gerando assim a escrita impressionista de apreensão poética do cenário e do tempo. Nestes cenários, existe uma relação por vezes muito estreita com os personagens, ou seja, cada imagem refletirá seu estado de alma, a própria subjetividade do homem (ALONSO, 2007, p.09).

2. A FORTUNA CRÍTICA DE MENALTON BRAFF

Neste capítulo apresentaremos a fortuna crítica do autor, que consiste em artigos publicados, dissertações de mestrado e teses de doutorado em andamento.

Optou-se por trabalhar com o romance *Moça com chapéu de palha*, de Menalton Braff por se tratar de um autor de nossa contemporaneidade e ainda não pertencer ao cânone. Mesmo longe da mídia recebeu o Prêmio Jabuti no ano de 2000 com a obra *À sombra do Cipreste* publicada em 1999, vencendo na categoria 'melhor livro de ficção'. Mesmo que não seja muito conhecido pelo grande público, Braff é um autor de muito prestígio para o público acadêmico.

Menalton Braff é autor contemporâneo de contos e romances. Por se tratar de um autor novo no cenário das Letras brasileiras, vem ganhando reconhecimento da crítica literária. O autor possui um grande número de obras publicadas, dezessete no total, das quais várias receberam indicações a prêmios literários como o Jabuti, Prêmio São Paulo ou Portugal Telecom.

Na dissertação de mestrado de Rafaela Cardoso Beleboni (2007), intitulada *Traços impressionistas nos contos de Menalton Braff*, a pesquisadora procura apontar a pertinência de traços impressionistas nos contos do livro *À sombra do cipreste* (1999). Para mostrar a construção dessas marcas na produção literária do autor, Beleboni realiza uma análise dos sentidos dessa obra, buscando, nos enunciados dos contos, as marcas deixadas pela sua enunciação, investigando, nos enunciados dos contos, as projeções da enunciação, evidenciadas nas entrevistas realizadas com o autor Menalton Braff, inseridas como apêndices. (BELEBONI, 2007, p.09 -10)

O professor Luiz Gonzaga Marchezan nos traz um importante artigo publicado na Revista BULA, em seis de julho de 2010, em que relata um estudo sobre *Moça com chapéu de palha* (2009), estabelecendo uma comparação em sua estrutura narrativa com o último romance de Clarice Lispector, *Um Sopro de Vida: pulsações* (1978).

Marchezan (2010) afirma que no romance informe de Lispector, pulsa a morte, enquanto no de Braff, pulsa a vitalidade erotizada. O comparável entre as duas narrativas em questão está no modo como ambas espelham o seu processo criativo ficcional, como a construção da figura de seu narrador-personagem/autor. Menalton

Braff, diferentemente de Clarice Lispector, mostra-se sempre atento para a representação do que é socialmente sensível, quer do ponto de vista da vida no interior de um homem ou de uma mulher, ou de uma família, quer no interior da vida em sociedade.

No romance *Moça com chapéu de palha* (2009), Braff escreve sem compromisso com a originalidade, porém atenta para o imaginário ficcional, criando um romance imaginativo, imageado, de maneira erotizada, uma narrativa sensual, sem o sequestro da sexualidade (MARCHEZAN, 2010, n.p.)

Roseli Deienno Braff (2010), na dissertação de mestrado intitulada *Saramago, Braff e seus personagens duplos*, realiza uma pesquisa através da análise dos romances *O homem duplicado* de José Saramago e *Castelos de papel* de Menalton Braff, deixando-se guiar pelo método comparativo de análise textual, tendo como norte a ideia de que o fato estético deve ser estudado à luz do fato histórico. Desta forma, a pesquisadora constata que certo “ar do tempo” aproxima os autores José Saramago e Menalton Braff, que dialogam por meio da temática do duplo nas obras estudadas.

A pesquisa de Deienno Braff mostra a existência da relação intertextual por meio da análise dos níveis temático, narrativo e discursivo dos romances, além do diálogo desses com a tradição literária. Além da temática do duplo, é a releitura do romance policial um dos pontos de contato mais evidente entre as duas obras, que se estruturam em torno de uma investigação. No entanto, Deienno Braff aponta que os ficcionistas desmontam a velha fórmula: crime – investigação – desvendamento do enigma, e, na nova roupagem com que revestem esse subgênero, não há soluções, tampouco culpados, mas indagações provocadoras – por essa razão a denominação de falso romance policial.

No ano de 2011, a professora Mariângela Alonso, publica o artigo “Nódoas poéticas e impressionistas em um conto de Menalton Braff”, realizando um estudo da pertinência de traços líricos e impressionistas no conto “Moça debaixo da chuva: os ínvios caminhos”, narrativa que faz parte da coletânea *À sombra do cipreste*, publicada em 1999. Sua pesquisa tem como fundamentação teórica as reflexões de Jean-Yves Tadié e Ralph Freedman, cujas obras ressaltam, principalmente, a condição do romance como um gênero híbrido e dos novos rumos da arte.

Em seu trabalho, Alonso (2011) procura não enquadrar a obra de Menalton Braff na esfera do impressionismo, mas sim, apontar a pertinência de tais traços,

detectando os possíveis diálogos entre os aspectos impressionistas e a prosa lírica braffiana. Dessa maneira, a pesquisadora comprova que o resultado é a construção de uma narrativa essencialmente subjetiva, lírica, beirando as raias da poesia (ALONSO, 2011, p.50).

A dissertação de mestrado de Natali Fabiana da Costa e Silva (2011), que traz como título *Sutilezas entre o interno e o externo: literatura e sociedade nos contos de Menalton Braff*, discute as relações entre a literatura e o seu condicionamento social em *À sombra do cipreste* (1999) e *A coleira no pescoço* (2006), livros de contos de Menalton Braff. A presente dissertação tem por análise a orientação sociológica, uma vez que os contos de Braff ao mesmo tempo em que proporcionam uma leitura de cunho intimista pelas crises das personagens, com a linguagem poética, o fluxo de consciência e o emprego das técnicas impressionista e expressionista, também integram em sua estrutura as formas com que as relações sociais, valores e orientações ideológicas interferem nas personagens e contribuem para a economia do texto.

O trabalho de Costa e Silva (2011) tem como resultado textos que abordam problemas sociais como incomunicabilidade, passividade, solidão, ineficácia, falência e insucesso do ser humano através de uma linguagem poética, metafórica, que faz uso da técnica impressionista e, em alguns casos, expressionista, além de um recorrente apelo aos ritos da memória que, associados ao tempo psicológico (predominante), produzem uma narrativa intimista.

Em artigo publicado em 25 de Janeiro de 2011, "*Crispação*": *relações entre conto e poesia*, Costa e Silva analisa o conto "Crispação", de Menalton Braff, levando em consideração o pressuposto de que a narrativa possui considerável relação com a poesia. Repleta de metáforas e metonímias, a linguagem crispada, mas ao mesmo tempo fluida, é marcada por associações que sugerem o experimentalismo do autor. Contudo, não apenas o cuidado com as palavras e as figuras de linguagem registram as intersecções entre esses dois gêneros: no conto há grande presença de sinestesia; de sugestão; de liberdade de ideias associadas; do tempo psicológico, elementos que caracterizam "Crispação" como narrativa que se assemelha a certo lirismo impressionista. Pelo conto fazer uso de uma linguagem poética, enxuta, repleta de metáforas, aliterações, símbolos e sinestesia, Costa e Silva (2011) objetiva cotejar as possíveis relações entre o conto e o gênero lírico.

No presente momento, Costa e Silva prepara sua tese de doutorado, na qual investiga a construção da interioridade nos romances, *Que enchente me carrega* (2000) e *Bolero de Ravel* (2010) a partir de um estudo sobre o narrador. Nessas obras o narrador braffiano, em dissonância com seu mundo, constrói uma mundividência na qual a inutilidade das ações, a solidão e a obsessão de certas memórias resultam na descrição de sua auto-destruição. Para essa pesquisa, Costa e Silva utiliza-se dos estudos acerca do narrador e da focalização de Gerard Genette em *O discurso da narrativa* (1995) e as reflexões sobre o monólogo interior de Jean-Yves Tadié em *O romance no século XX*.

Assim, norteados pelas considerações acima transcritas, passaremos ao exame do romance *Moça com chapéu de palha*, obra braffiana que percorre caminhos líricos.

3. ANÁLISE DA OBRA

O livro nos conta a história do personagem Bruno, um jornalista de uma editora de jornal de uma cidade pequena que descobre falcatruas de um grande empresário.

O problema toma uma proporção maior quando Bruno descobre que o empresário é um grande amigo do editor chefe e dono do jornal, que o impede de publicar suas descobertas, que em nenhum são reveladas no correr da trama. A partir de uma desavença com o editor do jornal Bruno acaba publicando a matéria (mesmo não ficando claro onde e como) sem a aprovação do editor chefe, causando assim um grande transtorno em sua vida, a ponto dele precisar se esconder em um sítio da família juntamente com sua namorada Angélica, a pintora que usa chapéus de palha.

Por sugestão de Angélica, Bruno começa a escrever um livro, relacionado com tudo o que aconteceu, sobre o caso de corrupção e as perseguições que sofrera. Porém, o livro que Bruno escreve vai se afastando da narrativa jornalística, ganhando toques de ficção. O que causa estranheza em sua namorada.

O livro vai se desenvolvendo a partir da memória fragmentada e muitas vezes repetitiva do jornalista.

Aos poucos o livro vai ganhando um toque metalinguístico já que a história que Bruno conta vai se transformando no livro *Moça com chapéu de palha* (2009) que o autor Menalton Braff está escrevendo (ou vice-versa), com os aspectos impressionistas que se espalham por todo o texto, estabelecendo desta maneira a conexão com o título.

Ao referir-se ao romance *Moça com chapéu de palha* (2009), em entrevista concedida em Outubro de 2012, Menalton Braff afirma: “me parece que a inclinação impressionista realiza-se neste como em outros textos meus. A recorrência ao passado (Catedral de Rouen) com pequenas modificações, faz parte de minha maneira de ver a literatura”. (BRAFF, apêndice).

Para desenvolvermos a análise do romance *Moça com chapéu de palha*, tomaremos as reflexões de Bakhtin (1997) sobre o cronotopo, elemento fundamental da trama braffiana, uma vez que o tempo e o espaço são elementos inseparáveis e

geradores de sentido. É no espaço que se revelam indícios de tempo, o qual acaba por adquirir sentido:

O telefone ricocheteando pelas paredes do apartamento, muito súbito e sério, com o castigo deste seu grito estridente, que ele repete obstinado, e repete, acaba esmagando meus nervos. Minha mão para, atenta, e de minha boca entreaberta escorre um fio branco de pasta e baba, que a água da torneira carrega para o ralo da pia. É uma sangria, uma vida que se esvai para fora do tempo. (BRAFF, 2009, p. 13)

Primeiramente temos o cronotopo urbano, em uma cidade que não é descrita ou mencionada pelo narrador/personagem em nenhum momento da ficção. Na cena acima, Bruno Vieira, personagem principal, está em seu apartamento. Através deste cronotopo temos uma descrição do estado de alma do personagem por meio de uma impressão causada pelo soar do telefone que o deixa apreensivo e angustiado.

O presente romance nos traz uma história cotidiana, sem grandes feitos ou mudanças externas, porém, temos a predominância do fluxo de consciência da personagem, misturando seus pensamentos, sensações e lembranças.

O fluxo de consciência trazido pelo personagem Bruno potencializa a memória substituindo a ação e a tensão da narrativa pela interioridade. Nesse sentido, o texto permite que as experiências externas sejam convertidas em impressões:

[...] Preciso descobrir a origem desta neurose, a minha: telefone fora de hora é mensageiro de tragédia. As piores notícias chegam voando como noites, em horários os mais insólitos, quase sempre absurdos, e o fio do telefone escurece um pedaço da vida. Eu não sei o que me espera porque não quero saber. Finjo que não sei? Me recuso esta certeza morna, que desde ontem mantenho presa em fundo escuro. É com minha mão suada que ergo o telefone do pino. (BRAFF, 2009, p.14-15)

Segundo Costa e Silva, o impressionismo é uma técnica que se “apoia” em impressões, não sendo necessária a precisão dos contornos: “a vagueza na descrição das ações é fundamental para a valorização dos aspectos internos às personagens, como seus sentimentos, crises ou lembranças” (SILVA, 2011, p.03).

Desse modo, temos o predomínio dos ritos da memória e do tempo psicológico em detrimento do cronológico. Coexistem, dessa maneira, o vago e impreciso, os raciocínios interrompidos, retomados ao calor das impressões, as ações sugeridas e não descritas, como se verifica no fragmento do romance:

[...] Eu não quero mais pensar no que fiz. Quando saí da sala do Ernesto, tentava naturalidade para não me denunciar, por isso pisei com alguma delicadeza meus sapatos sobre o ladrilho gasto e não olhei para trás, mas senti que ele estava esperando que o fizesse. Meus braços mantiveram-se rígidos, pois nunca se sabe o que é natural para eles. Saí saindo, lento cuidadoso, tropeçando no medo que sentia. (BRAFF, 2009, p.15)

Segundo Oliveira (apud Bakhtin, 1997), o tempo é o “motor” do cronotopo, visto que, na literatura, é por meio das categorias temporais que o homem é transformado a cada “novo tempo”:

[...] Este livro foi sugestão de Angélica. Saí da sala de Armando sem qualquer ideia que me deixasse inteiro comigo e com os mapas da vida, meu destino, então telefonei a ela explicando o que tinha acontecido, acrescentando que estava de saída para o sítio. Precisava ancorar minha cabeça, que andava à deriva. (BRAFF, 2009, p.21)

A evolução temporal é reconhecida nos estudos de Bakhtin na obra *Questões de literatura e de estética* (1997), buscando explicar a evolução dos cronotopos ao longo dos tempos e as transformações pelas quais o homem passa ao viver em um determinado tempo articulação com um dado espaço.

A breve descrição que o personagem Bruno faz acerca de seu ambiente de trabalho revela a maneira como ele se sentia. A relação entre tempo e espaço deixa implícito o embate entre a insatisfação profissional do personagem com os rumos incertos de sua vida.

No que tange ao impressionismo, Karin Grimme nos revela que “os impressionistas preferiam trabalhar ao ar livre,” (GRIMME, 2006, p.12), fato que observamos na personagem Angélica, namorada do jornalista Bruno Vieira. Ela é uma pintora e aproveita a ida ao campo para poder pintar uma tela:

[...] Alguma experiência impressionista? Pergunto-lhe, acho que querendo justificar meus olhos grudados em seu rosto, mas também como alusão a seu cavalete debaixo da paineira, ao ar livre. Meu sorriso dá um tom de pilhéria à pergunta, mas encontra o rosto sério de Angélica, com uma ruga de pensamento na testa. Então paro de rir, atento ao que ela vai dizer. Sei que vai. (BRAFF, 2009, p.28-29)

Optando pela expressão direta da luz e das cores, os artistas impressionistas “[...] procuravam analisar a cor e o tom de um determinado objeto o mais exatamente possível e pintar o jogo de luz sobre a superfície de objetos” (ANDERSON, 1997, p.06). É o que observamos na cena abaixo:

[...] Vista de longe, daqui, do meu ponto de vista, Angélica é o centro de uma tela de Monet. Moça e cavalete debaixo da paineira, ele diria. Há manchas de luz e sombra em seu contorno; há cores que se misturam em nuances infinitas. Por baixo da aba do chapéu de palha, parece que ela observa o horizonte, parada no centro de um quadro. [...] Mal se move na claridade da tarde. Preciso pedir a ela que leia este primeiro capítulo, mas reluto, porque isso pode quebrar o encantamento da cena. Subitamente descubro que não me vejo na tela, e num primeiro instante tenho a sensação esquisita de que estamos em planos incomunicáveis. Isso me angustia. (BRAFF, 2009, p.45)

A cena engendra um quadro impressionista na medida em que a espacialização conta com as cores que se misturam em descrições sinestésicas. O estado contemplativo que toma conta do narrador/personagem remete a uma tela impressionista na medida em que tenta captar os movimentos e as cores que envolvem a moça com o chapéu de palha.

Bruno Vieira, impaciente “[...] perde-se nas suas impressões acerca de Angélica, sempre por meio de uma imagem, uma fixação (MARCHEZAN, 2010); ele encontra sua musa sob uma paineira, transpassando-a juntamente ao chapéu de Angélica.

Nos dizeres de Hauser:

Toda a técnica improvisada com o esboçar rápido e informe, a percepção fugaz e aparentemente descuidada do objeto e o brilhante caráter do acidental da execução não vem a exprimir, em última análise, senão esse sentido de uma realidade vibrátil, dinâmica, sempre em transformação, que começou com a reorientação da pintura pelo emprego da perspectiva. (HAUSER, 1995, p. 1050).

Segundo Beleboni, o que realmente importa no Impressionismo é o aspecto momentâneo e único da forma como o objeto aparece ao olhar de quem observa: “Não se trata de mostrar o objeto, mas de sugerir as sensações e emoções que ele desperta, num determinado instante, no espírito do observador, que é por ele reproduzido caprichosa e vagamente” (2007, p. 43). Dessa maneira, não se apresenta o objeto tal como visto, mas como é visto e sentido num dado momento:

[...] Calado, quieto, sossegado. Via o tempo passar na minha frente e recolhia os minutos com sacrifício, numa contagem desorganizada: a mente e os olhos envolvidos naquela vigilância. Calado quieto. Tal era o modo de ocupar a mesa do bar sem ser notado. Se me sentisse visto, alguém reparando num sujeito sentado à mesa, perto

da porta, tomava um gole de cerveja e lambia os lábios: minha dissimulação. (BRAFF, 2009, p.169)

O cenário ocupa uma posição de destaque no que tange aos efeitos de sentido percorridos pelo narrador/personagem. Assim, semelhante a uma objetiva fotografia, o olhar do narrador centra-se na figura do personagem, realizando uma descrição impressionista ao sugerir o apagamento das formas, dos contornos do personagem, como borrões nas cores de um quadro, descobrindo a solidão e o isolamento do personagem (ALONSO, 2011, p.49).

Desse modo, “a escrita impressionista opera uma atmosfera poética, na qual seu projeto de escrita busca não a retratação do mundo, mas sua revelação”. (ALONSO; LEITE, 2012, não paginado).

3.1 MOÇA COM CHAPÉU DE PALHA: BORRÕES LÍRICOS

A narrativa poética ou romance lírico originou-se na Europa e nos Estados Unidos a partir dos estudos de Ralph Freedman (*The lyrical novel, 1963*) e de Jean-Yves Tadié (*Le récit poétique, 1978*), nas décadas de 60 e de 70. De acordo com a professora Mariângela Alonso (2011, p.01), essa narrativa “constitui-se em um gênero híbrido ao aproximar-se do poema em diversos aspectos. A aproximação com a poesia se dá principalmente pela presença de sonoridades, ritmos e metáforas, além do recurso da repetição”.

Freedman e Tadié defendem a narrativa poética como um “gênero híbrido, em que os vários aspectos ligados à – personagem, narrador, espaço, tempo, mito e estrutura – sofrem uma profunda transformação em relação ao romance tradicional” (FREEDMAN e TADIÉ apud CAMARGO, 2006, p.96). Tal procedimento parece ecoar no romance braffiano:

[...] Na segunda-feira ainda sentira o travo da saudade, mas não por muito tempo. O modo como Angélica se deixou levar, puxada pela mão, correndo e rindo feliz, azedara meu fascínio por ela. Pelo menos me esforcei para que fosse assim: azedo. Principalmente porque era um daqueles animais bem nutridos quem a puxava. [...] Fui embora da chácara sem me despedir de ninguém, mastigando um ciúmes de macho preterido. (BRAFF, 2009, p.111)

Na narrativa poética existe uma espécie de “rompimento do indivíduo com a razão, o tempo histórico e o momento social, para adentrar no tempo interior de uma busca contínua e mítica por excelência, que somente pode ser decifrada através da observação dos procedimentos poéticos”, (CAMARGO, 2006, p.97). Desse modo, podemos dizer que ocorre uma espécie de transição entre o romance e a poesia, uma narrativa que toma emprestado do poema seus meios de ação e seus efeitos, de modo que sua análise deva considerar ao mesmo tempo técnicas de descrição do romance e do poema.

A narrativa poética, “cria um universo híbrido, privilegiando o contato profundo do homem com sua existência e, na tentativa de estabelecer um elo entre a vida e um mundo interior, procura atingir a essência a partir da tentativa do conhecimento de si próprio”, (CAMARGO, 2006, p.98), tentando desta maneira, restabelecer a própria identidade. Assim, poderemos observar no fragmento abaixo que o

narrador/personagem está em um cenário comum, um sítio pertencente à sua família, caminhando com sua namorada em uma estrada de terra. A cena engendra uma situação subjetiva, constituída de metáforas, beirando a linguagem poética:

[...] O suor nas mãos era uma urgência. Eu precisava contar tudo que tinha acontecido pela manhã na sala do chefe, sem esquecer detalhe algum. Era uma coisa que me urgia por dentro. Então, como o jantar ainda fosse demorar algum tempo, saímos a caminhar um pouco pela estrada de areia que liga o sítio ao asfalto. Ainda era possível, apesar do Sol morrendo, identificar algumas árvores, os mourões de cerca, meia dúzia de bois e cavalos no pasto. Suas sombras imóveis e silenciosas. (BRAFF, 2009, p.140)

Segundo Alonso (2007, p. 09) nas narrativas poéticas, o herói assume um percurso, no qual o tempo exterior não é relevante, uma vez que o interesse recai sobre o tempo interiorizado, com suas angústias e seus gestos. Desse modo, o tempo transforma-se em uma instância mítica, subjetiva, em que se instaura um processo de volta às origens, ou seja, o eterno retorno humano.

O espaço, por sua vez, é caracterizado principalmente por imagens, contando com a representação de lugares específicos e simbólicos. Nesses cenários, existe uma relação por vezes estreita com a personagem, uma vez que cada imagem suscitará a própria subjetividade do homem:

A tarde estava parada dentro daquela sala, onde o tempo não existia mais. Nossos olhos se evitavam para que não aumentasse nossa angústia. O que eu acabara de ouvir era um tumor latejando, uma insolação em meus intestinos. Seja um bom menino, Bruno. Sem conseguir respirar, levantei-me e permaneci com os pés cravados no carpete, as pernas trêmulas, ameaçando falhar. (BRAFF, 2009, p.145)

Conforme nos afirma Menalton Braff, a esta “certa circularidade do que se chama hoje de “narrativa poética”, segundo terminologia de Freedman e Tadié, a quase total falta de progressão de fatos, enfim a sugestão mais frequente do que o delineamento claro, são, a meu ver, comuns à, pelo menos, a maioria de minhas obras” (BRAFF, 2012, apêndice)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já mencionado na Introdução desta pesquisa, procuramos apontar a pertinência de aspectos impressionistas no romance *Moça com chapéu de palha* (2009), de Menalton Braff. Para mostrar a pertinência desses traços na produção literária de Braff, recorreremos ao conceito de cronotopo para que pudéssemos depreender determinados elementos impressionistas presentes no romance.

Na narrativa de *Moça com chapéu de palha* (2009), o autor prediz alguns aspectos de sua narrativa, sugerindo em meio a sua composição traços impressionistas que de certa forma envolvem o leitor no significado de sua criação, referindo-se à espacialização do tempo utilizada por vezes como espaço para compor sua escrita impressionista, ou seja, a sugestão de um mundo em construção e de certa forma inacabado.

O tempo é um eterno retorno humano dando um efeito de circularidade, pois o autor tenta nos mostrar a interiorização do personagem com suas angústias e gestos. Já o espaço está mais ligado ao personagem sendo este imagético, com imagens, representações de lugares específicos e simbólicos, ou seja, uma metáfora para muitos fatos. Por sua vez, o cenário possui uma relação por vezes estreita com o personagem, suscitando através da imagem, a própria subjetividade do personagem.

Ao analisarmos a obra *Moça com chapéu de palha* (2009), encontramos tais impressões retomadas pelo autor Menalton Braff, pois ao observarmos o fluxo de consciência do personagem/narrador, temos essas impressões de páginas avulsas na consciência de Bruno Vieira.

O autor Menalton Braff lança mão de descrições detalhadas que ajudam a compor a atmosfera de suas narrativas. Assim, a plasticidade das cenas deixa implícita a marca do tempo.

A técnica impressionista prescinde, portanto, do aspecto visual, que entendemos aqui como a espacialidade, valorizando o tempo na narrativa. A partir de leituras de Mikhail Bakhtin, elencamos como ferramenta para a análise dos contos o cronotopo, por ser uma categoria que não dissocia tempo e espaço nos discursos -narrativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, M. **Instantes líricos de revelação: a narrativa poética em *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara), 2007.

_____. Nódos poéticas e impressionistas em um conto de Menalton Braff. **Revista Querubim**. 2011. Disponível em: <http://www.uff.br/feuffrevistaquerubim/images/arquivos/z_querubim_15_2011_vol_1.pdf> Acessado em: 28 set. 2012.

_____; LEITE, Guacira M. M. As cores da escuridão: aspectos impressionistas na escrita de Orígenes Lessa. **Revista Interxto**. 2012. Disponível em: <<http://www.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/intertexto/article/view/305>> Acessado em: 31 out. 2012.

ANDERSON, Janice. **A arte dos impressionistas**. Tradução Ruth Dutra. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. O espaço e o tempo. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BELEBONI, Rafaela. **Traços impressionistas nos contos de Menalton Braff**. 2007. 152f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

BRAFF, Menalton. **Moça com chapéu de palha**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

BRAFF, Roseli, Deienno. **Saramago, Braff e seus personagens duplos**. 2010. 130f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010.

CAMARGO, Luciana Colucci de. **The God of Small Things: uma voz poética entre o Oriente e o Ocidente**. 2006. 200f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006, p.96 – 112.

COUTINHO, Afrânio. O impressionismo na ficção. In: COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. São Paulo. Global, 1999, p.489 - 516

HAUSER, Arnold. Naturalismo e Impressionismo. In: HAUSER, Arnold. **História social da arte e da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 894 – 955.

MARCHEZAN, Luiz Gonzaga. Moça com chapéu de palha. **Revista Bula**. 2010. Disponível em: <<http://www.revistabula.com/posts/livros/moca-com-chapeu-de-palha>>. Acesso em: 23 out. 2012.

MERCHIOR, José Guilherme. **De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira** – I. 3. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 11 ed. São Paulo: Cultrix, 2004, p.111.

SILVA, Natali Fabiana da Costa e. **Sutilezas entre o interno e o externo: literatura e sociedade nos contos de Menalton Braff**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara), 2011.

_____. Crispação: relações entre conto e poesia. **Revista Texto Poético**. 2011. Disponível em: <http://www.menalton.com.br/xml/pdfs/academicos/academico_06_texto_poetico.pdf>. Acessado em: 27 set. 2012.

SOARES, Elenice das Graças. Vozes sociais e cronotopo: uma análise discursiva do romance São Bernardo. **Ebookbrowser/GEDI**. 2008. Disponível em: <<http://ebookbrowse.com/gedi-2008-vozes-sociais-pdf-d27432480>> Acesso em: 06 nov. 2012.

APÉNDICE

1 – De uma forma geral o impressionista se preocupa não só com o tempo passado que ele quer recuperar, mas também com o tempo presente que está em constante mudança. De que maneira esse processo ocorre em sua literatura, mais precisamente no romance *Moça com chapéu de palha*?

Bruno, o protagonista narrador, não consegue se desvencilhar do passado, que é recorrente quase à obsessão. Algumas cenas se repetem na “vida” (memória), assim como outras se repetem na arte (a tentativa de transformar um relato jornalístico em literatura – os capítulos que ele reescreve). A situação principal que ele vive (arte e vida se imbricam) é uma situação de instabilidade – ele não sabe o que poderá ser o futuro, isto é, (e fazendo o diálogo com a pintura) não existe a “pose para a foto” como no modelo clássico.

2 - Em um artigo de Luiz Gonzaga Marchezan, ao qual se refere ao presente romance, ele afirma que em *Moça com chapéu de palha* “dá-nos a configuração do senso de liberdade interior das suas personagens de uma maneira ora velada, ora de forma desvelada (impressionista), nos limites das suas personagens (Bruno e Angélica). De que forma elas aparecem?

Bruno ficcionaliza-se como Breno e Angélica em *Ângela*, libertando-se do plano da realidade para atingir a liberdade da ficção. Por outro lado, a realidade precária em que o casal vive é superada pelo tipo de preocupação dos dois, muito mais com questões estéticas do que com seu dia-a-dia. O assunto preferido deles é a arte, com a qual Angélica já vem envolvida e com a qual Bruno passa a preocupar-se. Mesmo que presos voluntários (consequência do pensamento ético de Bruno), eles se conduzem como se tivessem alcançado o paraíso. Não há prisão para o pensamento.

3 - Como classificaria sua obra *Moça com chapéu de palha* em sua composição e forma estrutural dentro do viés da Literatura?

Bem, me parece que a inclinação impressionista realiza-se neste como em outros textos meus. A recorrência ao passado (*Catedral de Rouen*) com pequenas modificações, faz parte de minha maneira de ver a literatura. Certa circularidade do

que se chama hoje de “narrativa poética”, segundo terminologia de Freedman e Tadié, a quase total falta de progressão de fatos, enfim a sugestão mais frequente do que o delineamento claro, são, a meu ver, comuns à, pelo menos, a maioria de minhas obras.

4 – Poderia destacar na obra um fragmento ou capítulo sobre a técnica impressionista que mais gostou de escrever. (particularmente me fascina a descrição feita no capítulo 7, p. 45-46, em que Bruno faz uma descrição de Angélica debaixo da paineira comparada a uma tela de Monet)

Sem dúvida este é também meu predileto. Posso até não ter atingido meu objetivo, mas quis com as palavras fazer o que pintores impressionistas faziam com o pincel. Mas acrescentaria outros trechos, como o capítulo 3, pelo menos em seus parágrafos iniciais.

5 – O escritor impressionista parte da observação visual externa e projeta a sua visão interna do objeto descrita. Qual seria sua posição perante a técnica impressionista na obra?

Bem, como não acredito em realismo, já que literatura é, segundo Vítor Manuel de Aguiar e Silva, uma modelização secundária (Não em importância, mas como modelização dentro da modelização primária que é a língua), procuro mais dentro de mim mesmo o mundo, pois só a consciência do sujeito pode atribuir significado ao objeto mundo. Então, se toda realidade é apenas simbolizada por palavras, por efeitos de realidade, eu a quero, a realidade descrita como eu a sinto. Algumas pitadas de Freud, neste percurso, não estão sobrando. Sobretudo no que se refere ao trabalho com a memória. Somos uma unidade por acúmulo e não nos livramos de experiência alguma, mesmo quando esteja guardada no inconsciente.